

CÂMARA LEGISLATIVA DO DF
Biblioteca

DF
VI

L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano II nº 14

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 21 de abril de 1995



35 anos

Brasília,
a nossa
esperança

Babilônia em Brasília

□ Astrid Cabral

Tenho vontade de sacudir a monotonia da paisagem como quem sacode os cabelos ou a poeira da roupa. E no entanto não fosse o céu de Brasília, o que faria eu? Circulo entre ruas uniformizadas, visito gente que mora em apartamentos padronizados, e por onde passeiam meus olhos é sempre o mesmo panorama de cubos de cimento e pirâmides ao sol. Há a beleza das arestas que ferem o azul como lâminas de facas, mas sou saudades de outras paisagens, as roxas lombadas dos morros, o casario irregular, a sombria silhueta das florestas recortando o chão. E revejo-me debruçada em sacadas de seculares arabescos, em convívio com o mofo, a ferrugem e os telhados. Atrás deles há uma história que procuro ler. Perdida em ruas labirínticas e estrangulada em travessas exíguas, acho-me num espaço de dois tempos. Com alguns passos transporto-me da confeitaria **belle-époque** a um bar século XX, com todos os seus aços e elétricos. Palmilho por calçadas gastas ouvindo o rumor de outros passos e o roçar de roupas. Um calor emana dos corpos que se movimentam ao longo das paredes e fluem no leito do tempo como estranhos rios humanos.

Mas eis-me blindada entre as paredes de um carro que escorre pelo Eixo, bamboleia entre canteiros e gira por trevos gramados. Sinto-me num atafume, falsamente protegida por camadas de lata e vidro. Embalde procuro o som de vozes, pois o que ouço são buzinas ou o rangir de freios

tomados de susto. No silencioso percurso de rodas, inexistem os encontros fortuitos entre as pessoas.

Lanço meus olhos à distância como enormes redes de pescar atiradas às ondas, e recolho as fotografias de sempre. Quisera o imprevisto, a cidade multiforme. E ela imutável. Os espaços em branco podem desde já ser preenchidos na expectativa, a certeza de que a norma será obedecida em nome da preservação do mesmo ritmo plástico. A cada vão, presenteou-se sua futura imagem. Céus, que tanta ordenação põe a gente maluça do caos! Previsões e planos têm a dura contraparte de exilar a surpresa. Por isso é que, de início horrorizada com a possibilidade de que o colosso de Niemeyer e Lúcio Costa pudesse ser profanado algum dia, sorrio aliviada com as exceções à regra que começam a brotar timidamente na periferia da cidade. Chego até a ansiar pela previsão pessimista de um amigo meu: "Dia virá em que nesta mesma cidade serão construídos castelos góticos".

Assim foi que apareceu em pleno campo um acampamento de maloca pele-vermelha. Assim foi que domingo

deparei com o anúncio do "Correio Braziliense": "Vende-se uma casa, antigo estilo babilônico..." e tomada de desenfreado entusiasmo precipitei-me rumo àquela sugestão de Ásia em pleno cerrado. Num exercício de imaginação procurei visualizar a casa. Reminiscências de ginásio levaram-me aos jardins suspensos de Semiramis, às lajotas da biblioteca cuneiforme, aos azulejos. O nome de Assurbanipal ecoava em meus ouvidos quando chegamos.

Isolada, a casa escondia-se entre os pés de casuarina, a pedir perdão pela irreverência ao estilo oficial.

Brasília, 1967

Astrid Cabral é professora e escritora.

(Conto publicado na Antologia dos Cronistas de Brasília editado pela Associação Nacional dos Escritores, 1995)

e m



crônicas
no tempo

Brasília e na História



Pedro O. Barros, artista do cerrado

Compromisso com o sonho

Pouco mais de um século antes de sua construção, Brasília já se relacionava a um sonho. Era o ano de 1883, quando o padre italiano Dom Bosco, mais tarde tornado santo, teve o famoso sonho-visão, onde previa que aqui, "entre os paralelos 15 e 20, no lugar onde se formará um lago, nascerá uma grande civilização, e isso acontecerá na terceira geração".

Aqui, previa Dom Bosco, será a terra prometida. Para Juscelino Kubitschek, o grande estadista que ousou transformar o sonho em realidade, Brasília seriam um futuro de prosperidade, seria o símbolo do crescimento do país, que tomara novo impulso a partir

da ocupação do Planalto Central.

Contagiando todos que aqui chegavam com a sua inabalável fé no desenvolvimento da nação e nos tempos de prosperidade que a construção da nova capital iria desencadear, JK entregou no dia 21 de abril de 1960 a terra prometida. Inacabada, mas alimentada pelo sonho, pela perspectiva de crescimento, e pelo desejo, estampado na esperança dos migrantes que para aqui vieram, de ver "jorrar o mel" previsto por Dom Bosco no século passado.

Brasília continua inacabada. Muito ainda falta para que as milhares de famílias que ainda lutam

pela sobrevivência, pela moradia, pelo emprego, por escola para seus filhos, por saúde, por melhores níveis de qualidade de vida, tenham acesso à igualdade social. As dificuldades impostas pelo inesperado crescimento da cidade permanecem. Mas é importante perceber que o sonho, também, não acabou. Ele permanece vivo na esperança dos milhões de brasileiros que acreditam na força do trabalho honesto como meio de transformar a cidade na grande civilização prevista por Dom Bosco e iniciada por JK.

Ele ganhou um novo impulso, também, nos últimos cinco anos, a partir do momento em que



Edimar Pireneus

PP

essa população trabalhadora e honesta consolidou a representatividade política, fazendo ouvir sua voz através do trabalho que desenvolvemos na Câmara Legislativa. É aqui, no nosso dia-a-dia, que contribuímos, com o nosso trabalho, para transformar em realidade o sonho da melhoria de qualidade de vida. Passo a passo, através de medidas que, muitas vezes, podem parecer pequenas, mas que, somadas, refletem um importante salto na conquista de dias melhores para a nossa população. A comemoração dos 35 anos de Brasília representa, portanto, para nós, do Legislativo um pacto de compromisso com o sonho de Dom Bosco e de JK.